

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

CURSO DE GEOGRAFIA

Priscila Andréia Naves

**SALA AMBIENTE PARA O ENSINO EM GEOGRAFIA: UM
ESTUDO DE CASO**

Florianópolis, 2014

Priscila Andréia Naves

**SALA AMBIENTE PARA O ENSINO EM GEOGRAFIA: UM
ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Orlando Ferretti
Co-Orientador: Prof. Ms. Santiago Siqueira

Florianópolis, 2014

Priscila Andréia Naves

**SALA AMBIENTE PARA O ENSINO EM GEOGRAFIA: UM
ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para o Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Florianópolis, 26 de Novembro de 2014.

Banca Examinadora

Prof. Orlando Ednei Ferretti, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador

Prof. Dr. Aloysio Marthins de Araujo Junior
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro

Prof^a. Dr^a. Rosemy da Silva Nascimento,
Universidade Federal de Santa Catarina

Membro

Prof. Ms. Santiago Alves de Siqueira
Universidade Federal de Santa Catarina

Co-orientador

Dedicado aos meus Pais.

AGRADECIMENTOS

Durante esses quatro anos de graduação, aprendi muito e vivenciei muitas coisas nessa segunda casa que a universidade se tornou para mim. Nada disso teria sido possível sem as pessoas que fazem parte da minha vida e cotidiano. Aqui, meus agradecimentos sinceros.

Gostaria de agradecer a todos os professores que tornaram minha trajetória real e tornaram possível a realização do meu sonho. Principalmente ao Prof. Luiz Antônio Paulino, por todas as suas aulas que acrescentaram não só em minha formação mas em minha vida, a Professora Rosemy da Silva Nascimento, por ter me aberto as portas do lar que o LABTETE representa e ter esse jeito sempre irreverente e alto astral e ao professor José Messias Bastos, por ter despertado ainda mais minha paixão pela Geografia desde a 1º fase do curso.

Ao meu orientador, Prof. Orlando Ferretti, por me guiar tão bem e ser tão competente e paciente. Por todas as orientações e contribuições e acima de tudo, tornar possível a realização do meu sonho.

Ao meu coorientador, Prof. Santiago Siqueira, que me ensinou muito sobre o que é ser professor, com certeza será sempre um grande exemplo para mim.

A Escola Básica Municipal Batista Pereira, por ter me recebido tão bem, e por proporcionar o espaço para o PIBID e para a pesquisa. Professores, direção e funcionários sempre nos receberam e atenderam muito bem. E um agradecimento ao Programa PIBID da CAPES pela concessão da bolsa.

A todos os funcionários e servidores, que fazem o possível para tornar real e funcional essa instituição chamada Universidade Federal de Santa Catarina, para todos os estudantes.

Aos meus colegas da Geografia e aos amigos que aqui conheci, principalmente Driele de Jesus Carneiro, Geovano Hoffmann, Yanna D'Angelis, Márcio de França, Sabrina Mangrich e Elaine Cristina dos Santos. E a minha melhor amiga, Ágatha Thomas.

Para a minha família amada, que sempre esteve do meu lado me dando apoio. Aos meus pais adorados por absolutamente tudo que fazem por mim, eles são a grande razão por eu estar aqui, que tornaram possível a minha graduação e me apoiaram nas minhas decisões profissionais. Ao meu afilhado Vitor, que é apenas uma criança, mas que me dá forças para lutar por uma educação de qualidade e que o seu futuro seja uma realidade melhor do que encontramos agora.

E por fim ao meu amado namorado Henrique, pelo amor, companheirismo e paciência. Por estar sempre comigo, ao meu lado por esses sete anos e ter acreditado nos meus sonhos e que essa realização não é apenas minha, mas uma conquista nossa.

Ensinar Geografia é aprender com o aluno as suas leituras, é misturar-se com as suas histórias e solicitar deles as imagens que eles mesmos projetam de seus tempos e de seus espaços.

Roselane Zordan Costella

Life is awesome, I confess, what I do, I do best.

Lana Del Rey

NAVES, Priscila Andréia. **Sala ambiente para o ensino em geografia:** um estudo de caso. Florianópolis: UFSC, 2014, p.59. Trabalho de Conclusão de Curso (monografia), Curso de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise da implantação das salas ambientes, em especial a Geosala “Milton Santos”, para os alunos dos anos finais do ensino fundamental a partir de um estudo de caso da Escola Básica Municipal Batista Pereira, localizada na cidade de Florianópolis, SC. Foi tratado também sobre o papel da escola e do professor nos dias atuais e como a inserção de novas ferramentas didáticas podem contribuir na educação geográfica. Os limites da escola se encontram cada vez mais fechados, sejam eles limites físicos de seu espaço ou limites educacionais que são impostos, e um dos grandes desafios da escola é romper com esses paradigmas e propor uma educação que dê possibilidades para os nossos alunos desenvolverem sua opinião crítica e instrumentalize-os para a cidadania. A percepção dos docentes é que a escola precisa ser modificada, sair da mesmice que pouco oferece como suporte e autonomia aos professores. As salas ambientes podem significar o início de uma série de mudanças do ambiente escolar, afim de, cada vez chegar mais próximo da escola que queremos.

Palavras Chave: Sala ambiente, educação geográfica, escola.

NAVES, PriscilaAndréia. **The themed room for education in geography:** a case study. Florianópolis: UFSC, 2014; p.58. Undergraduate Study Conclusion. Geography Course, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

ABSTRACT

This study's purpose is to analyze from a case study in the Municipal School Batista Pereira, in Brazil, in the State of Santa Catarina and in the city of Florianópolis, which made the implanting of themed rooms for the students of elementary school. Was also treated on the role of school and teacher today and how the introduction of new teaching tools may contribute to geographic education. The boundaries of the school are increasingly closed, whether physical limits of your space or educational limits that are imposed, and a major challenge of the school is to break these paradigms and propose an education that gives our students opportunities to develop their critical opinion and instrumentalizes them for citizenship. The perception of teachers is that the school needs to be modified, leaving the sameness that has as little autonomy and support to teachers. The themed room can mean the beginning of a series of changes in order to get closer to the school we want.

Keywords: Themed Room, Geographic Education, School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fachada da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	23
Figura 2: Mapa de localização da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	24
Figura 3: Corredor da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	26
Figura 4: Biblioteca da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	26
Figura 5: Pátio da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	27
Figura 6: Laboratório de Informática da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	29
Figura 7: Sala ambiente de ciências da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	30
Figura 8: Geosala Milton Santos da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	34
Figura 9: Geosala Milton Santos da Escola Básica Municipal Batista Pereira.....	35
Figura 10: Materiais disponíveis na Geosala Milton Santos.....	37
Figura 11: Materiais disponíveis na Geosala Milton Santos.....	37

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. A ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA..	13
2.1 O PAPEL DA ESCOLA.....	14
2.2 O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	16
3. ESCOLA MUNICIPAL BATISTA PEREIRA: ESTUDO DE CASO.....	22
3.1 O ESPAÇO ESCOLAR E A SUA ESTRUTURA.....	25
4. O QUE SÃO AS SALAS AMBIENTE.....	28
4.1 SALA AMBIENTE: GEOSALA MILTON SANTOS NA ESCOLA BATISTA PEREIRA.....	33
4.2 A GEOSALA COMO RECURSO DIDÁTICO.....	36
4.3 A NECESSIDADE DE MUDAR OS MOLDES DA ESCOLA.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE	

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia “Sala ambiente para o ensino em geografia: um estudo de caso”, apresenta uma pesquisa sobre a sala ambiente na disciplina de Geografia no ensino fundamental II. A pesquisa está centrada no questionamento sobre o uso dessa ferramenta para processos pedagógicos e também de que forma esse espaço pode contribuir para melhorar o ensino em geografia e torná-lo cada vez mais próximo à realidade dos alunos.

Como objeto de estudo, foi selecionada uma escola municipal de Florianópolis – SC, a Escola Básica Municipal Batista Pereira, que há um ano implantou a sala ambiente, não apenas para a disciplina de Geografia, mas para todas as outras disciplinas. A sala ambiente possibilita uma aproximação maior entre o aluno e a ciência geográfica já que permite e instrumentaliza o professor em sala de aula a ter mais dinâmica nos processos de aprendizagem para com seus alunos, socializando o conhecimento.

Este trabalho, e os questionamentos que levaram a pesquisa, nasceu da minha participação junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, na Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Ao conhecer a escola e participar de debates com os docentes da educação básica, a percepção e posição dos mesmos é que a estrutura das escolas precisam ser modificadas, oferecer suporte e autonomia aos professores e estudantes, a fim de desenvolver uma relação com seus alunos de uma prática aberta, crítica e que também ofereçam condições para o aluno exercer a sua cidadania.

A partir da experiência, como bolsista do PIBID em geografia na EBM Batista Pereira, as observações sobre o uso da sala ambiente

foram desenvolvendo o interesse em saber mais sobre como a sala ambiente modifica ou pode modificar o trabalho docente, além de tratar de compreender o quanto os professores se apropriam, entendem e criticam o espaço adquirido.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo primordial demonstrar o quanto a sala ambiente pode ser uma contribuição aos professores e as escolas, como ferramenta para processos pedagógicos, está se mostrando uma alternativa muito enriquecedora no processo de ensino e aprendizagem.

A metodologia da pesquisa foi construída sobre uma base teórica da educação geográfica, com textos de outras áreas do conhecimento que tratam das salas ambiente. Trata-se de uma pesquisa empírica, exploratória, com o estudo de caso (DEMO, 2011), utilizando o viés da dialética e a metodologia qualitativa aplicada nas entrevistas.

Durante o semestre 2014.1, foram feitas observações em sala, mais precisamente nas aulas de geografia na Geosala Milton Santos. As aulas em questão, tratavam-se de uma turma de sexto ano do ensino fundamental II com 35 alunos. Posteriormente foram observadas outras aulas de outras disciplinas. Chegando ao fim o momento de observação, entrando no semestre 2014.2, chegou-se à parte mais prática da pesquisa. Foram realizadas entrevistas com todos os professores de geografia da Batista Pereira (três professores) e também com a orientadora pedagógica, afim de que fossem coletadas informações, experiências, pareceres dos professores que permitisse-me o cruzamento desse material com aquilo que havia sido observado e pesquisado na literatura. As entrevistas foram pensadas a partir do entendimento do que elas representam, conforme Gaskell (2002) “O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

As entrevistas tiveram por objetivo conhecer o perfil do professor, suas preferências e opiniões sobre diversos assuntos, como por exemplo a metodologia utilizada em sala, os horários de aula, o processo de implantação das salas ambientes, desvantagens e vantagens que a sala ambiente proporciona e outros assuntos relacionados. A entrevista completa está no apêndice, afim de proporcionar uma experiência direta para com os professores.

Os resultados da pesquisa demonstram que apesar dos avanços há ainda muito debate sobre a forma e o uso da sala ambiente. É preciso que a escola possa discutir mais essa opção. Nesse sentido, esse trabalho também espera contribuir para os debates que a escola vêm fazendo para melhorar o atendimento e o trabalho com os estudantes. A sala ambiente sozinha não pode ser a única opção de mudança em uma escola, afinal ela por si só não consegue levar adiante todas as necessidades encontradas nos processos educativos, que dependem de outras mudanças na estrutura e infraestrutura da escola.

Espera-se que a sala ambiente possa significar o início de uma série de mudanças.

2. A ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Esse capítulo trata de apresentar sobre o que espera-se da escola e do papel do professor - mais precisamente de geografia, nos dias de hoje. É de suma importância, que nós futuros professores e docentes já formados – e também a escola - tenhamos em mente, de forma clara, o nosso papel e a importância que ele possui para a formação de professores e estudantes.

A escola representa um papel muito importante não apenas na vida dos estudantes, mas de toda a sociedade. Porém, a escola tem sido reconhecida por muitos como apenas um *ponto de encontro*, como Castrogiovanni (2011) afirma, a escola é vista como um terceiro espaço, entre a família e o espaço social global. Para Castrogiovanni (2011), a escola deveria ser vista num processo acolhedor das diferentes manifestações, favorecendo a igualdade e a liberdade de expressão de diferentes grupos, buscando e construindo caminhos facilitadores para construir o conhecimento e o desconhecimento, uma vez que a dúvida deve fazer parte do processo da proposta pedagógica.

2.1 O PAPEL DA ESCOLA

O papel da escola deve ser norteado como o lugar da valorização, interpretação, manifestação, compreensão de novas linguagens e ambiente para debate e crítica, sempre ancorado na razão, sem perder o rumo da sua busca. Vejamos o que diz Castrogiovanni (2011, p.66), “A escola parece existir para sabermos ser e sabermos fazer na sociedade em que vivemos ou na qual desejam nos inserir, cada vez mais e melhor”.

A escola, é entendida como espaço sociocultural, ou seja um espaço social próprio, ordenado institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que procuram realizar delimitações e também unificar as ações dos seus sujeitos diariamente, através de uma rede de relações sociais como as alianças, conflitos, imposições de normas, e estratégias sejam elas coletivas ou individuais. Isso trata-se de um processo que apropria-se dos espaços, práticas, normas e dos saberes que dá forma a isso que conhecemos por vida escolar. Ela é vista como uma instituição única que possui os mesmos sentidos e objetivos, apresentando a função

de garantir acesso a todo o conhecimento acumulado pela sociedade. Contudo esses conhecimentos são minimizados a meros produtos registrados nos livros didáticos e programas. O conhecimento escolar, passa a ser um objeto que precisa ser transmitido, com ênfase apenas nos resultados obtidos em provas e as suas notas, com a finalidade de apenas “passar de ano” (DAYRELL, 1996).

Dessa forma, como afirma Dayrell, fica sem sentido estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, uma vez que há essa desarticulação tão grande entre o conhecimento que a escola quer passar e a vida dos alunos.

A sociedade, hoje chamada de globalizada, está exigindo cada vez mais que nossos alunos tenham competitividade, ou seja, que eles tenham uma série de habilidades e competências como a criatividade, rivalidade, produtividade que os levem a ser competitivos. A globalização como de fato, tende a implantar uma única lógica e racionalidade no mundo, e padronizar (veja, padronizar diferentes lugares com uma única lógica sem levar em conta sua sociedade e cultura por exemplo), o *espaço geográfico escola*(CASTROGIOVANNI, 2011).

O mundo está mudando e com isso cabe a escola e ao ensino mudarem também. Nesse âmbito, cabe dizer que a Geografia é uma disciplina formativa que oferece instrumentalização para os alunos desenvolverem sua cidadania. A Geografia compreendida como uma ciência social, estuda o espaço construído pelo homem a partir das suas relações com a natureza. A partir disso espera-se que os alunos sejam cidadãos que consigam reconhecer o mundo do qual vivem e compreendam que ele como indivíduo social é capaz de construir a sua história, a sua sociedade e o seu espaço e que ele possua instrumentos para isso.

Espera-se fazer uma educação para a cidadania, que dê possibilidade e instrumentos para o aluno pensar por si e realizar suas críticas sobre as coisas que lhe cercam e que a partir dela, possa agir para uma construção de sociedade que seja ativa nas questões sociais, que possa romper com a mesmice da escola (CALLAI, 2001), desenvolvendo uma prática aberta com a possibilidade de questionar o que é feito. Ao discutir essas práticas, questiona-se também as propostas prontas das escolas uma vez que, raramente, essas conseguem entrar na vida dos alunos.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Cada professor deve ter sua autonomia, deve-se deixar no passado, o momento em que os professores recebiam tudo pronto dos livros didáticos e apostilas para não correr riscos. Os programas prontos oferecem uma grande chance de desprezar e equivocar em diversos aspectos. Ele pode supor uma sociedade homogênea e harmônica, desconhecendo e desprezando contradições regionalizadas e localizadas sem considerar a realidade em que vivem os alunos e os próprios professores.

Não basta apenas dar o ensino de geografia, onde os assuntos tratados, são dados prontos e mastigados e cabe ao aluno apenas absorver sem questionar, mas sim uma educação geográfica. A geografia possui uma abordagem filosófica que é comprometida com a realidade social em seus objetos de estudo (CASTELLAR e VILHENA, 2010) e a educação geográfica permite que o aluno realize essa correlação dos acontecimentos sociais, culturais, naturais que ocorrem em diferentes lugares e momentos da história.

Hoje uma parte dos professores exigem da escola, uma postura que permita que os alunos desenvolvam o raciocínio lógico, a instrumentalização, a criticidade para que o conhecimento seja usado de forma coerente e que com isso, seja possível construir o pensamento de forma autônoma.

Ensinar geografia é reconhecer que o nosso texto é o espaço, as primeiras linhas são os lugares, os quadros mentalmente desenhados são as paisagens, o reconhecimento dos limites e fronteiras são os territórios e suas territorialidades e as ações sobre esse texto faz parte do próprio aluno. Ensinar geografia é aprender com o aluno as suas leituras, é misturar-se com suas histórias e solicitar deles as imagens que eles mesmos projetam de seus tempos e de seus espaços (COSTELLA, 2014, p.193).

O professor deve reconhecer o objeto da geografia, a sua metodologia e instrumentos e ele deve usar isso para propor um estudo que seja conveniente, adequado e consequente para com seus alunos. O aluno precisa sentir-se inserido nessa realidade geográfica, para que não se torne alheia para ele (PONTUSCHKA *et al*, 2009).

Sem dúvidas, há a necessidade de redefinir novas bases para o mundo atual o conteúdo de ensino que é feito e de recriar e criar formas pedagógicas que sejam capazes de dar sentido ao trabalho dos professores e aprendizagem que julgamos ser fundamental para os alunos, socializando o conhecimento.

Não se deve esquecer que a geografia apresenta uma fragmentação dentro de sua própria ciência. Esse fato acaba impedindo que seja feito um raciocínio lógico das questões, uma vez que o meio natural não deve e não é alheio ao meio social. A prática na sala de aula ainda é muito fragmentada, em temas que isoladamente acabam por

ficar sem sentido. Essa prática faz com que os alunos passam a ter a impressão que a geografia é apenas algo dos livros, de dados, de informação e não algo que pertence a vida deles. Quando ocorre a naturalização das questões políticas e sociais, deixando de forma imparcial as determinações da natureza e ainda estudam espaços distantes e desconhecidos sem uma familiarização adequada, os alunos se sentem alheios aos assuntos. A educação geográfica chega contra essas práticas, pois a geografia como disciplina escolar, tem como competência oferecer ferramentas para que seja possível conhecer e compreender o mundo, sempre com um olhar crítico (CASTELLAR e VILHENA, 2010).

Ser competente não é ser experiente, nem mesmo ser capaz de fazer. Ser competente não é saber fazer. O aluno pode saber onde se localiza cada continente num mapa, mas pode não ser competente em se deslocar mentalmente sobre esses continentes, levando em consideração a posição espelhada dos atores que permitem uma ação sobre o texto mapa ou texto espaço. O aluno competente é aquele que pensa em situações novas utilizando-se dos movimentos mentais das habilidades desenvolvidas. Podemos ter alunos habilitados em localizar os principais eventos tectônicos no mundo, por exemplo, mas não são competentes para ler as consequências destes eventos, de mesma intensidade em diferentes lugares (COSTELLA, 2014, p. 194).

O processo de ensino a aprendizagem ocorre de uma forma extremamente homogênea, apresenta propostas educativas para todos sem levar em conta a origem social, idade e as experiências vivenciadas. É muito comum os professores ministrarem a mesma aula para turmas de realidades muito diferentes, utilizarem o mesmo conteúdo, recursos, ritmos e método avaliativo, para uma turma de escola particular no

centro da cidade e uma escola pública de periferia. A diversidade dos alunos é minimizada para categorizá-lo como bom ou mau aluno, disciplinado ou indisciplinado, esforçado ou não esforçado. Realizar uma prática escolar nessa ótica, acaba por desconsiderar a totalidade das dimensões humanas dos sujeitos, sejam eles alunos, professores e funcionários, que dela fazem parte (DAYRELL, 1996).

Tralhando a geografia sem dar um sentido, origem, raiz, analisando os resultados que são obtidos através da informação e de dados sobre a produção sobre o espaço, o professor está dificultando a compreensão da realidade. Ou melhor, está fechando a realidade.

O que é muito comum e praticado em sala de aula, é a descrição de paisagens distantes e impessoais de uma forma que não parece nem ao menos ser o mundo em que se vive. O grande desafio dos professores de geografia para com seus alunos é tornar as coisas reais e próximas. O ensino deve estar conectado a vida, é fazer com que os alunos sejam participantes da sociedade e não ajustados a sociedade, espera-se um estudo mais vinculado com a vida e um sentido no que é estudado (CALLAI, 2001). Os professores devem redirecionar suas preocupações de “dar o conteúdo” para organizá-lo de uma forma que apresente algo mais consistente que faça algum sentido para o aluno.

Nesse sentido, a professora Roselane Costella aponta que:

Descrever acontecimentos pelo acontecimento não acrescenta possibilidade de ação; deslocar conteúdos de uma série para outra não representa a capacidade de síntese em analisá-los. Estruturá-los diante dos conceitos que significam epistemologicamente a nossa ciência e, a partir dessa estrutura, organizar mentalmente nossos alunos para que possam reconhecer novas leituras, utilizando-se das compreensões iniciais, representa a responsabilidade do professor hoje.

Estamos falando em desenvolvimento de capacidades, ou de competências, em que os alunos lançam mão das habilidades já desenvolvidas e modificadas pelas relações para enfrentar o novo, o real (COSTELLA, 2014, p. 191).

Essa educação emancipatória - como afirma Castrogiovanni (2011) uma educação que privilegie uma aprendizagem para a autonomia - articulando o cotidiano do aluno com a realidade imposta, não podemos negar, tem dificuldades para ser implantada. E com muita frequência a culpa cai sobre os alunos, alegando que falta interesse, curiosidade e atenção por parte deles. O que acontece na verdade é o oposto, a escola tem falhado de tal forma que apenas finge que ensina, os alunos fingem que aprendem e os pais fingem que acreditam que os filhos estão aprendendo (CASTROGIOVANNI, 2011).

Para uma educação emancipadora, que dê aporte para que os alunos sejam autônomos em seus questionamentos, seria ideal que:

Em termos mais concretos, os estudantes deveriam aprender não apenas a avaliar a sociedade de acordo com suas próprias pretensões, mas devem também ser ensinados a pensar e agir de formas que tenham a ver com diferentes possibilidades da sociedade e diferentes modos de vida (GIROUX, 1986, p. 263).

A perspectiva de Giroux é que possamos dar possibilidade ao aluno de ter condições de realizar uma análise de uma forma que não veja a sociedade como uma única verdade e apenas pelas suas pretensões. É necessário que seja feita uma educação geográfica que leve os alunos à cidadania. As aulas devem ser ministradas de uma forma que deem aporte e possibilidade ao aluno de questionar o que lhe é proposto. As paisagens, características naturais dos territórios e a sua população, não podem aparecer apenas como citações deixadas no ar. O

aluno deve ter compreensão que os livros didáticos, por muitas vezes impõem “verdades” que são específicas de lugares, por vezes distantes dos alunos, mesmo que os problemas sejam globais, cabe ao professor e aos alunos questionar a sua realidade. Muitas interpretações encontradas no livro didático, apresentam explicações neutras e distantes à cerca de questões naturais que estão muito além do que é apresentado no real. Além disso, não devem aceitar explicações que são dadas a partir de uma única interpretação ou fonte.

A partir do momento em que o aluno é capaz de entender a origem das próprias crenças, história e ação, é possível ter uma melhor compreensão sobre os problemas que acontecem no mundo e no seu dia a dia e quem sabe superar o senso comum que foi enraizado nas suas mentes e vidas.

O século XXI vem sofrendo com grandes mudanças e evoluções tecnológicas, há uma pressão para que haja o uso dessas tecnologias, porém os currículos escolares permanecem os mesmos do século passado, com isso é evidente a necessidade de mudar as tradições e rotinas que, em muitos casos, estão presentes desde o século XIX.

O professor Xosé González (2012) aponta que como desafio para o presente século, os professores de geografia devem tomar partido do que seria os interesses acadêmicos e as necessidades da escolarização básica, e o foco dessa investigação didática seria reconhecer quais são os obstáculos que impedem e dificultam o conhecimento que os alunos necessitam para exercer seus direitos de cidadão e vida social plena. Porém, as investigações que veem sendo realizadas são mais voltadas aos interesses dos professores universitários do que voltada para as necessidades dos alunos (e familiares) e dos professores do ensino básico.

A educação geográfica permite resgatar a história da própria vida, em um processo que dá subsídio de uma construção no espaço que é imediato ao aluno, próximo e possível de ser concretamente

observado, conforme apontam Callai (2009) e Castellar e Vilhena (2010).

É muito importante estabelecer, especificar e selecionar de qual forma o conhecimento social é construído desde a geografia do ensino básico, sem esquecer que é a partir do conhecimento que vamos educar pessoas críticas e comprometidas com a sociedade. É preciso despertar o interesse e motivação dos estudantes na geografia para que eles possam desenvolver o pensamento crítico e a busca da análise dos fenômenos que acontecem no tempo e espaço do qual eles habitam.

Para fazer uma compreensão do mundo é necessário desenvolver certas capacidades como: analisar, perceber, julgar, avaliar informações, assumir posições, questionar, obter e fazer relações de informações de diferentes fontes.

Os currículos precisam mesclar a investigação educativa com a inovação didática, a geografia é precursora como uma disciplina que oferece institucionalização aos alunos que precisam dessa formação para exercer os direitos de cidadão. O desafio para o ensino da geografia, é fazer a aproximação do aluno a sua realidade real e concreta por meio de propostas metodológicas que não somente permitam categorizar o conhecimento científico mas também aos conhecimentos e saberes encontrados fora da escola.

3. ESCOLA MUNICIPAL BATISTA PEREIRA: ESTUDO DE CASO

O interesse em me aprofundar em salas ambientes veio a partir das observações em sala, onde pude ter um parâmetro de comparação com o meu o próprio ensino básico fundamental, que também foi em uma escola pública e municipal, que ocorreu entre 2004 e 2007. E

comouma pessoa que esteve há pouco tempo no mesmo lugar daqueles alunos que ali observava - agora como futura professora - tomei como causa, realizar uma pesquisa sobre essa ferramenta que julguei ter um grande potencial educacional e que pode mudar para melhor os moldes da sala de aula e quem sabe, até da escola, uma vez que como discutido esses parâmetros precisam ser mudados.

A EBM Batista Pereira (figura 1) está localizada no distrito do Ribeirão da Ilha (figura 2), em Florianópolis – SC, foi fundada em sete de abril de 1957, possui em média de 800 alunos por ano, todos do ensino básico diurno. O que encontrei na Batista Pereira propiciou subsídio para avaliar pedagogicamente muitas práticas dentro de sala de aula, apesar de ainda ser uma professora em formação.



Figura 1: Fachada da Escola Básica Municipal Batista Pereira.
Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

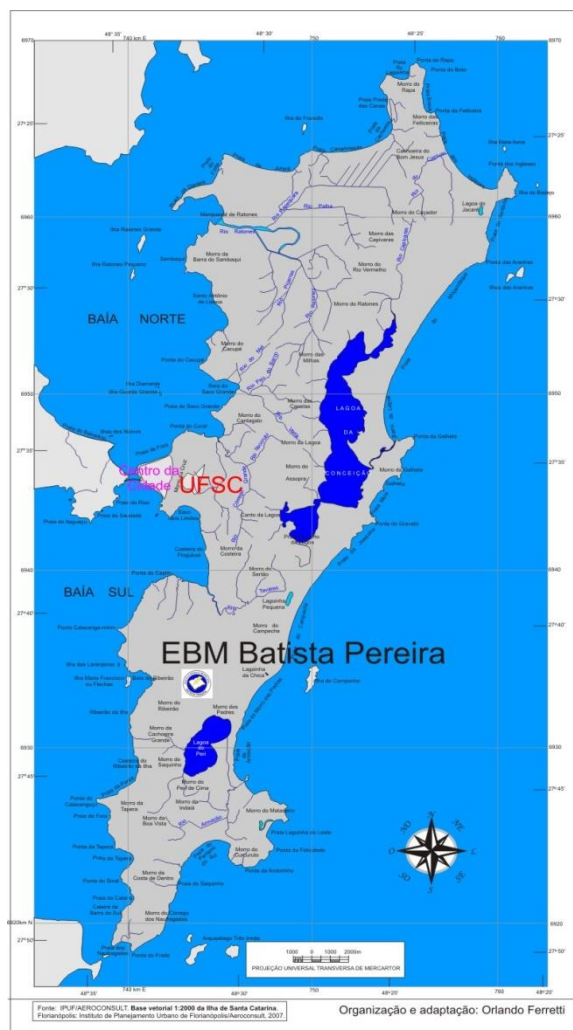


Figura 2: Mapa de localização da Escola Básica Municipal Batista Pereira. Fonte: Orlando Ferretti, 2013.

3.1 O ESPAÇO ESCOLAR E A SUA ESTRUTURA

A organização e estrutura do espaço físico escolar não são neutros, desde a sua construção até a localização dos espaços, tudo é pensado meticulosamente. Os espaços são delimitados para induzir os usuários a comportar-se a agir de forma que seja “cabível” para o ambiente escolar. Nesse âmbito, a arquitetura escolar interfere na forma que as pessoas irão circular e nas funções de cada local do espaço escolar, como as salas, corredores, cantinas, pátio, sala dos professores, laboratórios, todos esses ambientes possuem uma função definida antecipadamente (DAYRELL, 1996).

Os muros representam uma demarcação entre duas realidades para os alunos: o mundo fora da escola, que seria a rua e o mundo da escola, é mais uma vez a escola tentando se fechar em seu próprio mundo, com suas próprias regras, concepções e tempos. Todos os espaços da escola são construídos para levar os usuários a um destino. Usando os corredores (figura 3) chega-se a sala de aula, o local principal de uma escola, o “centro” da educação. Dessa forma, grande parte das escolas é planejada para que ela possua uma rápida locomoção, contribuindo assim para que os alunos se comportem de forma disciplinada.



Figura 3: Corredor da Escola Básica Municipal Batista Pereira. Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

A biblioteca (figura 4) acaba por ficar em um canto isolado da escola em uma sala que não comporta as suas necessidades, e nem outro espaço além da sala de aula é pensada para realização de atividade pedagógica.



Figura 4: Biblioteca da Escola Básica Municipal Batista Pereira. Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

E nesse meio tempo, a pobreza e falta de estética, estímulos visuais, cor, vida, ambientes temáticos, deixam a desejar e se mostram como um desestímulo educacional. Em contrapartida, como afirma Dayrell (1996) os alunos acabam por se apropriar de ambientes que a priori não lhe pertencem, dando a eles novos sentidos e suas próprias funções sociais.

O pátio (figura 5) torna a vir o ponto de encontro dos alunos, local para conversas, brincadeiras, namoros; as mesas se tornam arquibancadas para a observação do movimento, os corredores também se tornam pontos de encontro, onde era apenas um lugar de locomoção, vira ambiente de bate papo ou até mesmo nas partes mais escondidas, dão aporte para esconderijos daqueles que “matam aula”. Toda essa resignificação que os alunos dão para os ambientes encontrados na escola, expressam a forma que os alunos veem a escola, um ambiente de socialização.



Figura 5: Pátio da Escola Básica Municipal Batista Pereira.
Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

Não são apenas os alunos que ressignificam os espaços, muitos professores o fazem, mas no entanto essa questão é pouco discutida entre os educadores, e é fundamental considerar que há um limite para isso, pois pode restringir a função educativa da escola. Não é levado em conta que por muitas vezes a arquitetura pode ampliar ou limitar suas possibilidades. É muito comum por exemplo, que muitos professores deixem de realizar alguma atividade como trabalhos em grupos, por causa de uma sala pequena, grande número de alunos e carteiras pesadas.

A sala ambiente entra nessa lógica como, no caso da Escola Batista Pereira, uma ressignificação de espaço. Onde, todas essas barreiras arquitetônicas e de estrutura estão presentes mas que é proposto uma nova ferramenta didática para tentar melhorar essa lacuna que uma estrutura de escola obrigatoriamente, deveria suprir. A sala ambiente mostra-se como uma ferramenta didática, mas que ainda assim é muito afetada pelas estruturas e moldes da escola.

4. O QUE SÃO AS SALAS AMBIENTE

Um ambiente temático tem a capacidade de induzir as pessoas a sentir certas sensações. Ele pode despertar reações como a curiosidade, atenção e interesse. A sala ambiente, na verdade não é algo novo no meio escolar, segundo a professora Sônia Penin (1997). Essa ferramenta já está inserida há muito tempo no cotidiano de algumas escolas, porém ela é pouco ou subutilizada em muitos casos.

É muito comum encontrarmos nas escolas, salas específicas que são chamadas de laboratórios. Como por exemplo, o laboratório de informática (figura 6), o laboratório de ciências, que vale lembrar, na Batista Pereira trata-se da sala ambiente de ciências (figura 7) e as aulas

são ministradas lá diariamente e não ocasionalmente, ou até mesmo a biblioteca que na teoria, deveria se tratar de um espaço para leitura e de estudo, mas acaba sendo designada apenas como local para locação de livros na maioria dos casos nas escolas de educação básica, como afirma Penin (1997).



Figura 6: Laboratório de Informática da Escola Básica Municipal Batista Pereira. Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.



Figura 7: Sala ambiente de ciências da Escola Básica Municipal Batista Pereira.
Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

Porém, é de competência do educador desenvolver ambientes onde o estudante sinta-se intrigado e motivado. As salas convencionais pouco têm a oferecer em relação a isso. Elas não contribuem para o desenvolvimento da aula, onde os alunos permanecem em sala e apenas muda-se o professor. A impressão que tem-se é que trata-se sempre da mesma aula, apenas com um professor diferente, porque a percepção do estudante é pouco estimulada (PENIN, 1997).

É fato que muitos professores possuem a consciência de que o estudante necessita de espaços variados para vivenciar as diferentes culturas e a aproximarem à sua realidade. Uma ida ao Museu é de suma importância, ao teatro, aos lugares históricos e também a realização de estudos do meio. Mas sabe-se também, que essas visitas nem sempre

são tão ofertadas (se forem ofertadas) tanto quanto os professores e alunos gostariam e precisariam. É devido a essa série de impossibilidades, onde nossos estudantes poderiam estar vivenciando a cultura e a natureza, que o professor pode pensar em outras possibilidades de trazer a cultura e a natureza até os estudantes na sala de aula. A autora Sônia Penin (1997, p. 20) refere-se a sala ambiente como “ambiente de aprendizagem de uma cultura ou ciência”.

Não é apenas a partir da dificuldade da oferta de campos que a sala ambiente mostra-se importante e eficiente. Existe uma série de problemas estruturais dentro de uma escola, onde a sala ambiente pode ajudar a solucionar. A começar pelo tempo do qual o professor acaba desperdiçando até iniciar sua aula, porque é necessário organizar a turma e trazer até a sala, o material que irá ser utilizado (PENIN, 1997). No caso da aula de Geografia, onde o professor irá fazer uso do livro didático, atlas e mapas, em muitos dos casos esse material fica alojada na Biblioteca Escolar e é necessário levar até a sala de aula da turma em questão, o que causa incomodo e acaba utilizando o tempo da aula.

Em recente pesquisa da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o professor brasileiro gasta em média 20% da aula, ou seja, a cada cinco minutos há um minuto perdido para organizar sua classe e pedir atenção dos alunos. Trinta e dois países responderam a essa pesquisa, e o Brasil ficou com a pior posição. As informações são da edição 2013 da Talis, Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem coordenada mundialmente pela OCDE. O levantamento foi divulgado em junho de 2014 (UOL EDUCAÇÃO, 2014).

Com isso, pode-se imaginar que a sala ambiente pode simplificar e facilitar a jornada escolar do estudante, professor e escola. Não é difícil de concluir que uma sala onde o professor possa organizar-se com seu material didático, onde o aluno a partir dessa exposição possibilita uma estimulação e desencadeia interesses que podem ajudar a

despertar afinidades pela disciplina e pesquisa de assuntos que o chamaram atenção, é muito positiva para a sua formação. Mas é necessário compreender que a sala ambiente não pode ser a única ferramenta didática:

De fato, quando tanto falamos a respeito da sala de aula – seu ambiente, seus arranjos – não podemos cair no extremo de afirmar que ela é o limite da aula. Como já me referi, a aula deve acontecer em todos os espaços possíveis de ampliação das referências dos alunos. As gravuras das obras de um pintor não substituem a ida ao museu. Multiplicar e enriquecer os ambientes – esta é a ideia. A questão é que temos a nossa mão, nas escolas, a possibilidade dessa multiplicação com pequenas modificações na sua atual organização, quebrando algumas formas miméticas e repetitivas de ensinar ou fazer escola (PENIN, 1997, p. 21).

Devemos também levar em conta, o quanto a sala ambiente facilita o trabalho do professor. Como citado, é muito conveniente estar em uma sala onde reúne todo o material necessário para as aulas. É conveniente para o professor e aluno, pois poupa o tempo da aula onde debates e trocas de informações importantes poderiam estar acontecendo. Além disso, os alunos estarão presentes em uma sala ambiente, montada para estimular o interesse por cada uma das disciplinas e área do conhecimento todos os dias, não mais apenas algumas vezes por semana ou mês, como acontece com os laboratórios. A sala ambiente aproxima o estudante da ciência em questão, pois abre um leque de possibilidades que até então poderia passar despercebida para eles, porque não estavam expostos ao conhecimento (PENIN, 1997).

Não é possível levar os alunos em todos os lugares e lhes mostrar os fenômenos, as formas reais do espaços e como eles são

organizados, mas não é a partir dessa impossibilidade, que vamos nos dar por satisfeitos com um conhecimento feito a base de leituras de respostas (COSTELLA, 2014). Os alunos são essencialmente simbólicos, a partir dos estímulos visuais e essa simbologia que a sala ambiente oferece suporte, funciona como uma síntese para o conhecimento e abre portas para possibilidades de aprendizagem.

4.1 SALA AMBIENTE: GEOSALA MILTON SANTOS NA ESCOLA BATISTA PEREIRA

A ideia de implantação das salas ambiente na Batista Pereira, surgiu a partir de uma proposta de um dos professores de geografia da Batista Pereira há cerca de seis anos. Porém, como conta a orientadora educacional da equipe pedagógica (informação verbal¹), “o número excessivo de turmas sempre impossibilitou de que esta fosse colocada em prática. Com a mudança de gestão em 2011, voltou-se a pensar novamente nessa proposta, uma vez que a diretora atual apoiou e fez o possível para que o número de educandos atendidos fosse condizente ao espaço físico da escola. Para assim, poder garantir não só acesso e permanência como também qualidade no processo ensino-aprendizagem”.

No ano de 2013, foram realizadas algumas reuniões com a comunidade escolar para, segundo a orientadora pedagógica “refletir a

1 ¹Entrevista realizada no dia 22 de outubro de 2014.

escola que temos e a escola que queremos”. A partir disso, foi constatado que essa reorganização do espaço escolar iria contribuir muito com o compromisso que a escola tem com a aprendizagem de todos os alunos.

A partir de uma possibilidade dada como real de implantação das salas ambiente, foi realizado em caráter experimental a partir de agosto do ano de 2013, a implantação da Geosala Milton Santos (figura 8 e 9) (batizada dessa forma em homenagem ao nosso excelentíssimo geógrafo Milton Santos), que trata-se da sala ambiente de geografia, apenas especificamente para a disciplina da mesma, uma vez que um dos professores de geografia, foi o precursor da implantação das salas ambientes, era o ministrante das aulas.



Figura 8: Geosala Milton Santos da Escola Básica Municipal Batista Pereira. Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.



Figura 9: Geosala Milton Santos da Escola Básica Municipal Batista Pereira.
Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

A experiência que a escola Batista Pereira teve com a Geosala Milton Santos foi tão produtiva, que os professores das outras disciplinas acabaram por interessar-se pela ideia e solicitar a sala ambiente para suas disciplinas também, então no início do ano letivo de 2014 os anos finais do ensino fundamental passou a ter todas as suas aulas em salas ambientes.

Segundo a orientadora pedagógica “O período de adaptação foi melhor do que o esperado, os alunos reagiram bem a mudança de espaço. Não houve tumulto durante a transferência dos alunos de uma sala para outra durante o período de adaptação. Em avaliação realizada na reunião do pré colegiado dos anos finais, a resposta para a mudança foi positiva, inclusive quando questionados sobre a possibilidade de ampliar o projeto, a maioria acredita que será produtivo e contribuirá

para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Em 2014, finalmente a tão esperada mudança aconteceu. Implantou-se na E.B.M. Batista Pereira as salas ambientes nos anos finais.”

4.2 A GEOSALA COMO RECURSO DIDÁTICO

A partir das minhas observações das aulas em salas ambiente e das entrevistas feitas com os três professores de Geografia da Batista Pereira, foi possível perceber que a sala ambiente tem-se mostrado um ótimo recurso didático. Todos os professores dão ênfase ao fato de que ter todos os materiais reunidos em um só lugar, facilita e muito o trabalho do professor, como relata um dos professores entrevistados “Eu achei sensacional, simplesmente melhorou muito o nosso trabalho, o recurso de ter um espaço dedicado à geografia, a cada momento que você cita ou fala de alguma coisa, você pode ter em mãos as ferramentas para sustentar a tua opinião ou argumento” . Mapas, livros, atlas, globo, todas essas ferramentas são indispensáveis em uma aula de geografia (figura 10 e 11).



Figura 10: Materiais disponíveis na Geosala Milton Santos.
Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.



Figura 11: Materiais disponíveis na Geosala Milton Santos.
Fonte: da autora, 11 de novembro de 2014.

A Geosala além de todos esses recursos citados, também é provida de um aparelho Data Show, não apenas a Geosala, mas todas as outras salas ambientes da escola e está encaminhando-se para a instalação de aparelhos de som, porém todo esse recurso foi canalizado pela própria Batista Pereira, através de iniciativas autônomas por parte da equipe pedagógica e direção, onde fazem a arrecadação de dinheiro através de rifas, festas comemorativas e contribuição espontânea dos alunos. Todo esse material torna de certa forma possível, aulas mais ricas em imagem e som em conhecimento, detalhes, cultura. Obviamente ter materiais como Data Show em sala não é uma realidade das escolas públicas no Brasil, uma vez que a própria Batista Pereira conseguiu verba através de iniciativas próprias, porém o ideal é que fosse, afinal como aponta Callai (2001), nossa sociedade vem sofrendo grandes mudanças tecnológicas e é feito uma pressão para que haja uso dessas tecnologias, porém é preciso possuí-las.

Outro fato, é que não devemos esquecer que o professor também precisa saber fazer uso da sala ambiente. Uma sala ambiente não funciona sozinha, ela pode oferecer uma série de ferramentas, mas é preciso ter disposição para usá-las. Um professor que não planeja sua aula fazendo uso dos recursos didáticos disponíveis, não pode esperar milagres contando com o fato de que a sala por si só, irá ser o suficiente no aprendizado de seus alunos. Fazer uso de uma interação de todas as coisas que lhe cercam sempre incluindo seus alunos, tornando a aula dinâmica, faz-se jus a um bom uso da sala ambiente, como preza os professores da Batista Pereira, em sua fala “Costumo variar bastante os métodos para evitar o tédio entre os alunos. Tem aulas expositivas, tem aulas com textos, com vídeos, com mapas. Cada aula procuro utilizar algo novo para manter o aluno interessado e estimulado nas minhas aulas”.

Outro ponto levantado pelos professores como positivo, é o trajeto de uma sala ambiente para outra. Se em algum momento essa foi a maior preocupação, hoje é visto como algo bom para os alunos. Para

os professores, a troca de sala é a hora em que o aluno sente que está saindo de uma disciplina e realmente entrando no “mundo” da outra, só o simples fato de caminhar poucos metros é o suficiente para arejar a cabeça e tirar a tensão que pode ter sido gerada na aula anterior. Segundo a equipe pedagógica, o trajeto é feito com muita tranquilidade, não há turbulência e poucos alunos em todo esse tempo de sala ambiente, decidiram pegar outro atalho na hora de ir para sala, segundo um dos professores “[...]um ou outro aluno se perde no caminho de uma aula para a outra e demora um pouco para voltar para a sala, mas isso é muito raro, não é sempre que acontece”.

E para que esses alunos fizessem esse trajeto de forma não turbulenta, a equipe pedagógica reorganizou a grade de horários de uma forma que as aulas ficassem concentradas. Todos os professores de geografia apresentaram a mesma posição em relação ao tema: a aula faixa com três aulas é positiva pelo fato de possibilitar o início meio e fim de um assunto “é possível iniciar, trabalhar e concluir um assunto com os alunos”, mas o fato de ser apenas um encontro na semana e ter essa distância entre uma aula e outra, pode ser de certa forma prejudicial para o aluno, afinal o conhecimento é uma construção e se os alunos fazem essa construção apenas uma vez por semana, ela pode ficar prejudicada, conforme aponta um dos professores “o problema ruim dessa história, é quando você pega uma turma de crianças muito novas, eles só irão ver esse professor uma semana depois, e as vezes até mais como quando acontecem reuniões, feriados ou até reivindicações, e com isso espaça demais os encontros com o professor e isso afasta o contato com a disciplina e o professor e para criança essa retomada depois de um tempo muito grande gera dificuldade”.

4.3 A NECESSIDADE DE MUDAR OS MOLDES DA ESCOLA

Durante o período de análise, foram observadas outras disciplinas. Um grande destaque foi a disciplina de artes, onde a Escola Batista Pereira possui uma professora de música e assim como todas as outras disciplinas, possui uma sala ambiente.

Observando aquela aula em uma sala ambiente e vendo o funcionamento com tanta harmonia, é difícil imaginar a mesma aula em uma sala comum. A começar pela inconveniência de transportar o material necessário. Tratava-se de uma aula extremamente rica de instrumentos, todos os 35 alunos possuíam sua própria flauta doce, além de outros instrumentos de percussão como chocalho, pandeiro, surdo, tambor e entre outros. A professora, antes de começar a criar ritmos com seus alunos, passava uma aula introdutória onde contava as origens e história daquele ritmo, o quão interessante seria se ela pudesse fazer uso da sala ambiente de geografia e usar as ferramentas da Geosala para montar sua aula?

Uma das grandes críticas que encontrei, foi em relação aos moldes da escola que ainda é, muito fechada e presa há um formato que não contempla mais a realidade dos alunos e nem dos professores. A Escola Batista Pereira em questão, teve a iniciativa de implantação das salas ambientes, porém as mudanças não podem ficar estagnadas nesse momento.

Para os professores entrevistados a diferença foi sentida até mesmo na qualidade profissional e de vida, foi levantado que é menos desgastante dar aula em sala ambiente por todas as comodidades já citadas. Porém, não foi deixado de lado que apenas a sala ambiente não é suficiente para mudar o formato da escola em si. Muda-se as salas, porém a escola não, ou seja, o número de alunos por sala (que é de trinta

e cinco alunos por sala nos anos finais) continua o mesmo, as condições salariais e de carga horária continuam as mesmas, a sala ambiente é um recurso que vem facilitando e muito a vida dos professores na Batista Pereira, porém não é o suficiente para mudar o ensino em geografia.

Outra observação feita e levantada pelos professores, é a falta de diálogo entre as disciplinas (como relatei o caso da disciplina de artes). Não há a possibilidade, por exemplo, de um professor de determinada disciplina, fazer uso da sala ambiente de outra disciplina, porque a escola não oferece horários livres na grade. Não é possível realizar um trabalho interdisciplinar, pois a escola não consegue oferecer suporte à essa demanda. Ou seja, é mais uma vez os moldes da escola atual, não permitindo e oferecendo condições dos professores realizarem um trabalho que poderia contribuir e muito para os alunos.

A sala ambiente, deveria propiciar momentos alheios ao horário regular de aula, por exemplo, não estaria somente restringindo as aulas de geografia pressupostos na grade. Um erro da escola, é tornar tão fechada e sem autonomia a grade dos alunos. É negado qualquer tipo de autonomia e identificação dos alunos para com as disciplinas. Simplesmente é imposto que é necessário realizar determinado número de aulas por semana de uma disciplina e outro número de outra disciplina. A escola que temos, submeteu uma hierarquização em que foi determinado quão importante uma disciplina é e a partir dessa importância é determinado um número de aulas.

Um dos professores da Escola Batista Pereira, vai contra essa lógica e possui uma alternativa que consideramos mais proveitosa. Por que não, dar uma certa liberdade aos alunos de decidir qual disciplina deveria ter determinado número de aulas por semana? Com certeza tiraríamos mais conhecimento e participação de alunos que pudessem dedicar seu tempo a aquilo do qual possuem mais afinidade, dar-lhes mais tempo para amadurecer suas ideias. A escola poderia estabelecer uma carga horária mínima de cada disciplina e nos horários vagos

deixar a critério do aluno montar. Por que esse modelo de escola, não pode ser implantado?

Sem dúvidas, uma escola que dá uma certa autonomia aos seus alunos, implica em mais investimentos. São mais salas, mais professores, mais material, ou seja mais dinheiro. Isso vai naquela lógica de pensamento da escola que temos para a escola que queremos. Essas mudanças também envolvem uma série de questões que vão ao encontro do planejamento destinados as aulas de Geografia. É preciso pensar em toda uma reforma curricular, tempo de aula e como o professor iria organizar e desenvolver suas aulas. Como trata Shoko Kimura (2008), sobre as condições, ou melhor essas pré condições que os professores encontram:

O educador está ciente de que, por vários motivos, essas pré condições costumam não existir ou existem com precariedade. Então, referindo-se ao desafio de todos os educadores escolares em participar da discussão, proposição, deliberação e conquista dessas pré condições, é necessário destacar a lógica inerente à concepção de que aquele que faz também sabe das condições para esse fazer, na medida em que o fazer é uma das fontes de um saber que se vai acumulando e acrescentando (KIMURA, 2008, p.28)

Devemos levar em conta, qual é o modelo de sociedade que desejamos para o futuro, o que fazer para que isso seja possível e concreto, qual o dever da escola nessa construção educacional. Todas essas questão servem de base para que a iniciativa de uma mudança seja tomada. A Escola Batista Pereira começou suas mudanças, porém ela é uma escola dentre uma lista de escolas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos esses meses de observação durante o PIBID na Batista Pereira, procurei observar e conhecer, não apenas as aulas de geografia, mas como também de outras disciplinas, foi possível notar que a sala ambiente possui grande potencialidade, porém não se pode simplesmente assumir a sala, é preciso continuar usufruindo dessa potencialidade e permitir que seja ampliado os horizontes da escola e da educação.

Obviamente, a sala ambiente por si só não pode ser vista como a grande solucionadora de problemas na educação, uma vez que encontramos tantos problemas em nossas escolas, sejam eles de gestão, planejamento e do próprio espaço. Há muito ainda por fazer, a sala ambiente pode ser vista como o ponta pé inicial para que os moldes da escola que conhecemos hoje, sejam quebrados e os paradigmas mudados.

Em uma escola não preparada no seu processo de gestão do espaço e na organização do mesmo, pode ainda ser um inconveniente, pois, a sala ambiente não é apenas pegar uma chave e entregar na mão de um professor, ela requer um planejamento, ela requer material e também disposição dos professores. A sala ambiente deve vir afim de melhorar e não como uma sentença de salvação, vista como a opção que pode salvar a educação, ela deve vir acompanhando por uma série de mudanças, como foi relatado no estudo de caso, a implantação da sala ambiente, mexe com toda escola e a sua rotina. Uma série de mudanças é necessária apenas para a implantação da sala ambiente – aqui não me refiro aos moldes da escola, mas mudanças básicas que permitam a implantação a sala ambiente mesmo – por exemplo, a mudança da grade de horário, realocação das salas, instrumentalização das salas ambientes e outras mudanças que as escolas sintam necessidade.

Porém, é preciso estar sempre se desafiando e não deixando o ambiente escolar cair na comodidade em que espera-se. É preciso levantar essas discussões entre escola-professores-alunos. A escola não encontra-se isolada no contexto social, ela é uma grande integradora, a família faz-se muito presente na escola e vida escolar dos alunos e da sua comunidade.

Devemos lembrar, que não é a sala ambiente em si que muda as vertentes da escola. Quem realiza essas mudanças, são os alunos e principalmente os professores. Hoje, os manuais didáticos que encontramos, podem oferecer uma modernização de como abordar diversos assuntos, a sala ambiente pode oferecer uma série de ferramentas para abordar esses assuntos, as aulas podem ser incrementadas com mídias, imagens, áudios, mas se não tivermos bons professores comprometidos com a educação, nada adianta oferecer tantos recursos para quem vá utilizar de forma mal proveitosa.

Tratando do estudo de caso, muito espera-se ainda das salas ambientes na Batista Pereira, assim como da escola, devemos saber reconhecer tudo que a Batista Pereira fez até o momento, mas como alega um dos professores da escola “a sala ambiente não mudou o formato da escola Batista Pereira, praticamente forma e conteúdo continuam os mesmos”, dessa forma é preciso continuar a trabalhar nisso constantemente, até porque a educação é um processo de troca e aprendizagem mútua e sem fim.

O que poderia vir a ser uma proposta para a Batista Pereira e todas as escolas, é a mudança na forma que as disciplinas são ofertadas, ou melhor, no momento atual elas são impostas, mas poderiam vir a ser ofertadas, como um dos professores trata “por que não por exemplo, ter as cadeiras mínimas e o aluno completar sua grade de horário com prioridade às disciplinas que possuem afinidade?”. Se vamos realizar uma educação emancipatória, é necessário dar autonomia para esses alunos.

Outro debate que precisa evoluir é a interdisciplinariedade, devemos lembrar também, que hoje a sala ambiente, está restringida apenas para a disciplina em questão, não levando em conta se aquele espaço poderia ser tornar útil para uma professora de Português que deseja utilizar o material e sala ambiente de História para usar um texto histórico na sua aula de interpretação. Um dos professores deixa claro em sua fala a carência e falha que a escola apresenta nesse ponto “a sala ambiente de geografia em tese, deveria servir a escola e não ao professor de geografia, se caso outro professor de outra disciplina precisasse usar a sala de geografia para dar sua aula devido a sua temática, deveria ser possível, porém a escola não oferece abertura para isso devido a locação de salas”.

Penso que essa é uma grande caminhada na educação que os professores estão percorrendo, tendo ideias, testando e comprovando e assim disseminando essas práticas e suas experiências com outros professores e sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, v. 3, p. 516.

CALLAI, Helena Copetti . **A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** Terra Livre, São Paulo, n.16, p. 133-152, 2001.

CASTELLAR, S. M.; MORAES, J. V. Um breve referencial teórico e a educação geográfica. In: CASTELLAR, S. M. V. et al. **Ensino de geografia**. São Paulo: Thompson, 2010, p. 1-21.

CASTROGIOVANNI, A. C. . Espaço geográfico escola e os seus arredores: descobertas e aprendizagens. In: CALLAI H. C. (Org.). **Educação geográfica: reflexão e prática**. 1ed. Ijuí/RS: Editora Ijuí, 2011, v. 1, p. 61-74.

COSTELLA, Roselane Z. Ensinar o quê...para quê...quando... Desafios da geografia na contemporaneidade. In: MARTINS, Rosa Elisabete M. W.; TONINI, Ivaine M.; GOULART, Ligia B. **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014, p. 188 – 205.

DAYRELL, Juarez . A escola como espaço sócio-cultural. In: Juarez Dayrell. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996, v. , p. 136-161.

DEMO, P. . **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000 p. 216.

GIROUX, Henry. **Teoria e resistência em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 336.

PENIN, Sonia Teresinha de Sousa . Sala ambiente: invocando, convocando, provocando a aprendizagem. **Revista Ciência Ensino**. Campinas, v. 3, p. 20-21, 1997.

PONTUSCHKA, N. N. ; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 1000. 383 p.

KIMURA, S. **A geografia no ensino básico**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 217.

YAMAMOTO, Karina. Professor brasileiro gasta 20% do tempo de aula com indisciplina. **Uol Educação**. 2014. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/06/25/professor-brasileiro-gasta-20-do-tempo-de-aula-com-indisciplina-segundo-estudo-da-ocde.htm>>. Acesso em: 08 de set. 2014.

APÊNDICE

Entrevista realizada com os professores de Geografia de 6º à 8º ano da EBM Batista Pereira, afim de obter informações e dados sobre as experiências em sala ambiente.

1. Qual sua formação e a quanto tempo leciona na escola?

Professor 1: Formação em Geografia, atuo há mais de 5 anos na escola Batista Pereira e na rede Municipal desde 2002.

Professor 2: Formado em Licenciatura em Geografia na UFSC (2013). Leciono na escola desde o início do ano corrente, com contrato de 10/02 à 09/12 de 2014.

Professor 3: Licenciado em Geografia pela UDESC e leciono nessa escola há cinco anos.

2. Qual sua carga horária? Possui quantas turmas? Tem dedicação exclusiva com a EBM Batista Pereira?

Professor 1: 40h na Batista Pereira, com duas turmas de 6º ano, devido ao afastamento concedido para realizar doutorado, mas realizando outros tipos de assistência a escola e rede municipal. Possui dedicação exclusiva com a rede municipal e leciono apenas na Batista Pereira.

Professor 2: 30 horas, professor substituto.

Professor 3: Tenho 20h na Batista Pereira e mais 20h na Escola Básica Municipal Henrique Veras. Possuo sete turmas, mas nos outros anos, nove turmas. Tenho dedicação exclusiva.

3. Quais os métodos que você mais utiliza na prática do ensino em sala de aula?

Professor 1: Aula dialogada pois prezo o diálogo com os alunos e é o método que mais impera nas aulas.

Professor 3: Costumo variar bastante os métodos para evitar o tédio entre os alunos. Tem aulas expositivas, tem aulas com textos, com vídeos, com mapas. Cada aula procuro utilizar algo novo para manter o aluno interessado e estimulado nas minhas aulas. Tem alunos que possuem mais facilidade com aulas expositivas, outros preferem uma leitura, ou mapa, então cada aluno tem sua afinidade e dificuldades com cada metodologia.

4. O que você, como professor, acha do recurso da sala ambiente?

Professor 1: A sala ambiente de geografia em tese, deveria servir a escola e não ao professor de geografia, se caso outro professor de outra disciplina precisasse usar a sala de geografia para dar sua aula devido a sua temática, deveria ser possível, porém a escola não oferece abertura para isso devido a locação de salas. A sala ambiente como recurso é muito mais fácil para trabalhar pois ela dispõe de todo o material necessário para a sua aula. Se o recurso está disponível em um mesmo lugar, ele torna - a aula - mais fácil. A sala de aula é um recurso e um instrumento que o professor utiliza, a diferença entre uma sala comum e sala ambiente, é a disponibilidade de recursos e que também os alunos acabam realizando uma identificação maior e mais fácil com a sala ambiente do que uma sala dita comum. A sala ambiente não é um produto do professor, a sala ambiente deva ser de fato uma sala que contemple a necessidade dos estudantes e da escola e para isso é necessária uma modificação curricular da escola, pois a sala ambiente é implantada, porém a estrutura da escola continua a mesma. O aluno deve buscar por sua autonomia, realizar suas pesquisas. A competência do professor de geografia lhe traz a responsabilidade de desenvolver determinados temas.

Professor 2: A sala ambiente permite ao professor de Geografia a utilização de diversos recursos didáticos presentes na própria sala. A disponibilidade, à fácil alcance, de uma variedade de livros didáticos, mapas, atlas e globos potencializam e muito as possibilidades do professor em construir com os alunos o conhecimento geográfico, pois permite diferentes formas de exposição e de diálogo sobre os temas. Além disso, o que me parece fundamental numa sala ambiente, é justamente a característica de reproduzir em seu interior uma ambientalização de sua ciência, ou seja, construir um espaço de ensino/aprendizagem que seja parte integrante do processo de ensino/aprendizagem em Geografia. A sala, em si, torna-se um recurso didático, pois proporciona a ambientalização dos alunos aos temas discutidos em sala.

Professor 3: Eu achei sensacional, simplesmente melhorou muito o nosso trabalho, o recurso de ter um espaço dedicado a trabalhar a geografia, facilita o nosso trabalho, porque a cada momento que você cita ou fala de alguma coisa, você pode ter em mãos as ferramentas para sustentar a tua opinião ou argumento, e ela está ali facilmente em mãos. E além de que a nossa sala ambiente, conta com o Data Show que é uma ferramenta para facilitar nosso trabalho.

5. A sala ambiente permite e oferece suporte para você usar suas metodologias de ensino?

Professor 1: Não, pois a sala ambiente não mudou o formato da escola Batista Pereira, praticamente forma e conteúdo continuam os mesmos, pode ter mudado a aparência, mas o que eu vou desenvolver com os meus alunos na sala ambiente, eu iria também desenvolver em uma sala tradicional, e isso depende diretamente da quantidade de alunos que eu atendo, se eu tenho 35 alunos dentro de uma sala de aula, numa mesma sala, inviabiliza uma série de atividades metodológicas que poderiam ir além da sala ambiente, como por exemplo a cidade como uma sala ambiente, mas com 35 alunos é inviável, e isso compromete a qualidade do ensino desses alunos. A sala ambiente por si só não resolve os

problemas do ensino em geografia, é preciso mexer também no conteúdo, e esse conteúdo passa pela quantidade de alunos que o professor tem, pela quantidade de turmas, pela carga de horário, a remuneração para que ele trabalha, não que a melhor remuneração vai trazer maior compromisso e dedicação do professor, não é uma questão tão simples e direta assim, mas você remunerar bem para dar tranquilidade do professor fazer aquele trabalho.

Professor 3: Totalmente, ela facilita, oferece e favorece que várias metodologias sejam utilizadas, inclusive as minhas metodologias variam bastante para a outra escola, já que na outra escola não temos sala ambiente e fica muito prejudicada, muitas vezes você não sabe onde encontrar os materiais adequados, e até buscar perde muito tempo e não há tempo entre uma aula e outra de ir buscar esse material, tudo isso atrapalha o nosso trabalho e a sala ambiente com certeza oferece um suporte incrível.

6. Já trabalhou em outras escolas (ou na Batista antes da mudança) que não fazem uso da sala ambiente? Como foi essa experiência? Quais as principais diferenças?

Professor 1: Sim, ela não foge muito da sala que eu tenho hoje como sala ambiente, pois eu tenho uma visão de sala ambiente que tem um trânsito maior e diferenciado dentro da escola, porque você criou as salas ambientes, mas não mexeu na estrutura da escola, o conteúdo da escola ainda continua o mesmo, a quantidade de alunos, o formato das aulas dos professores, o que houve foi uma facilitação de algumas estratégias que o professor utiliza em sala de aula para ele lançar mão de alguns instrumentos que ele usa como mapas, globos, livros, projetores, que estão disponíveis para ele na sala ambiente. O ganho está no tempo que ele perderia, mas o professor continua fazendo a mesma coisa que ele faria se não estivesse em sala ambiente. A sala ambiente ainda não é o ideal, é preciso mexer na forma e conteúdo da escola. E em uma escola que não tem sala ambiente, vai acontecer a mesma coisa, só que com maior dificuldade em função do tempo, pois o professor vai

continuar com muitos alunos, turmas e carga horária estafante, mas com maior dificuldade pois os materiais poderia estar espalhados pela escola.

Professor 2: Antes de trabalhar na Batista, trabalhei um ano na Escola Estadual Tenente Almáchio, na Tapera, bairro vizinho ao Ribeirão da Ilha. Nesta escola adota-se também o uso de salas ambientes. No entanto, quando lá trabalhei, a sala ambiente era de Geografia e História, o que permitia as mesmas facilidades mencionadas no Batista, mesmo não sendo uma sala ambiente específica para a Geografia. Além disso, dei aulas no estágio de licenciatura, no Melão em São José e no Colégio Aplicação CED-UFSC, e pela pouca experiência que tive/tenho no sistema de salas neutras, me parece que as salas ambientes são uma boa opção para o processo de ensino-aprendizagem.

Professor 3: Sim, trabalhei e continuo trabalhando em outras escolas, inclusive aqui na Batista Pereira antes da mudança. Realmente facilitou muito, a gente tinha que se virar, tinha que correr, era muito mais desgastante, cansativo, ficávamos atrapalhado, indo atrás de um globo aqui e um mapa lá... A partir do momento que tu tem tudo na tua mão, tu consegue pensar só no teu trabalho e planejar aulas muito mais ricas em relação ao tempo disponível e elas ficam mais equilibradas e mais práticas, ao invés de trocar de sala. Fora que tem isso, de receber os alunos em sala e você já estar com tudo montado e preparado para receber os alunos, não precisa chegar na sala e montar e ser organizar, pelo contrário, você já está com tudo preparado, para que o aluno possa chegar em sala e assistir sua aula. E não o professor ter que ir na sala que o aluno se encontra e o professor precisar organizar tudo ainda antes de iniciar a aula e nesse momento os alunos não sabem direito o que fazer, muitos ficam fazendo bagunça e então você precisa controlar a bagunça de um lado e do outro continuar organizando o material para a aula. Atrapalha muito, é pior dar aula em uma sala que não seja ambiente.

7. O que você acha das aulas concentradas? Por exemplo, ao invés de 3 encontros em dias alternados da semana, apenas realizar um encontro com as 3 aulas faixas.

Professor 1: Eu tive uma experiência nesse ano de ter 3 aulas faixa, e nesse sentido há aspectos positivos e negativos. Os positivos, é porque é possível iniciar, trabalhar e concluir um assunto com os alunos. O problema ruim dessa história, é quando você pega uma turma de crianças muito novas, eles só irão ver esse professor uma semana depois, e as vezes até mais como quando acontecem reuniões, feriados ou até reivindicações, e com isso espaça demais os encontros com o professor e isso afasta o contato com a disciplina e o professor e para criança essa retomada depois de um tempo muito grande gera dificuldade. *Pergunta extra realizada – Três aulas por semana é um bom número de aulas? Poderia ser mais ou menos? Dê sua opinião.* Eu penso que é complicado responder, porque penso eu que qualquer professor irá responder que é pouco tempo, que de fato é, porque essas aulas devem ser diluídas em momentos de avaliação, enfim, mas o outro lado da moeda é que muitas vezes pensamos em termos de passar o conteúdo e que não é o principal também e as vezes essa ideia (necessidade) de passar o conteúdo atrapalha. O meu aluno tem três aulas por semana, mas eu penso que ele tem o ensino fundamental inteiro para trabalhar, então a pergunta é, do ensino fundamental desse aluno, qual a contribuição da geografia e o objetivo no ensino fundamental? E a partir desse objetivo dessa disciplina, que conteúdo e conceitos, que você quer desenvolver com esses alunos e para isso tenho quatro anos, mas a disciplina é muito fragmentada em termos de conteúdo e o professor fica focado no conteúdo e dessa forma o professor pode dar até sete aulas por semana que não irá dar tempo. Eu acho que a pergunta a ser feita seria “três aulas por semana seria suficiente para quê?” e aí dependendo dos seus objetivos, responder, se for para trabalhar um livro didático inteiro, então ela não é, mas trabalhar o livro didático inteiro é o essencial para a geografia lá dentro? Dependendo do que você faz em sala de aula, três aulas por semana é muito, dependendo da clareza dos teus objetivos com a tua disciplina,

com certeza três aulas é pouco, pelo o que você está desenvolvendo com essa criança. Mas agora, três aulas não é o suficiente e nem nunca foi. Mas há algo que eu não compreendo é porque Geografia tem três aulas e artes tem duas, por quê? Português são quatro ou cinco aulas por semana, assim como matemática, o que justifica isso? Existe uma hierarquia, em termos de importância e em termos de Brasil você vê uma supervalorização da matemática, da área das exatas, e tem um desprezo com artes, mas você não pergunta para esse aluno se ele quer ter quatro aulas de matemática e só duas de artes e às vezes, uma só.

Professor 2: Prefiro o sistema de dois encontros por semana, sendo um encontro com duas aulas e outro com uma. Mas entre três encontros de uma aula e um encontro com 3 três aulas, prefiro a segunda opção devido a maior possibilidade de debate e realização de atividades com os alunos de forma simultânea.

Professor 3: Eu gostei dessa experiência, apesar de que eu só tive com uma turma as três aulas concentradas, mas eu achei super válido, a gente consegue praticamente dar conta de tudo aquilo que é planejado, e tem tempo e tem tempo de sobra, e às vezes nós até subestimamos até onde pode-se chegar em uma aula com uma turma, tu planeja uma aula para três aulas e tu consegue passar conteúdo, fazer leitura e concluir com atividades tudo em três aulas. Aconteceu algumas vezes de a turma acabar e ainda faltar cerca de vinte minutos de aula, pois acabamos tudo que foi planejado para aquela aula. Então, é uma aula que rende muito. Lógico que essa turma que citei, era uma turma muito boa de trabalhar, gosta de geografia e tinha uma empatia muito grande comigo como professor.

8. Você percebeu diferenças nas condições de trabalho e na qualidade de vida como pessoa e profissional a partir da sala ambiente?

Professor 1: A sala ambiente é recente, esse ano completa o primeiro ano e nesse ano eu estou apenas com duas turmas e elas são do mesmo

ano, eu não teria elementos suficientes para dizer se houve uma questão de melhora nesse sentido.

Professor 2: Por estar a pouquíssimo tempo na escola, não tenho condições de contribuir com tal questão.

Professor 3: Sim, melhora, se a gente não tem mais aquela correria, aquela preocupação de ter que passar e pegar aquele mapa lá não sei onde... Tudo isso, nossa facilita muito a nossa vida, é muito menos cansativo e desgastante você já estar com tudo na mão, você economiza espaço inclusive na sua cabeça, para se concentrar inclusive naquilo que é mais importante que é a aula e não naquele desespero que é sair de uma sala e correr pra pegar um material e entrar em outra turma. É bem menos estressante.

9. Ocorreram mudanças na aprendizagem, comportamento e dinâmica por parte dos alunos devido a sala ambiente?

Professor 1: A mesma coisa da pergunta anterior. Meus alunos estão vendo pela primeira vez esses elementos da geografia e professor de área. Eles apresentam muita curiosidade e dificuldade a assuntos recorrentes da geografia, mesmo na sala ambiente. Mas eu vejo que a sala ambiente facilitou no sentido de dispor das ferramentas, mas algumas dificuldades permanecem. *Pergunta extra realizada – Como o material que está na sala ambiente foi adquirido?* Não tenho muita certeza, a questão dos atlas é recurso que chegam da escola, mas não consigo determinar a fonte de cada um, por exemplo, chega recurso do governo federal, da secretaria municipal de educação e não sei precisar a quantidade só sei que é pouco, e também há iniciativas na própria escola como a associação de pais e professores (APP), contribuição voluntária e rifas, e esse dinheiro é revertido em benefício da escola, comprando determinado materiais. Mas eu não sei responder com clareza, sobre qual recurso comprou cada coisa.

Professor 2: Por estar a pouquíssimo tempo na escola, não tenho condições de contribuir com tal questão.

Professor 3: Sim eu senti que ocorreu muitas mudanças. A partir do momento em que os alunos entram na sala ambiente, a gente sente que eles estão entrando no espaço da geografia, eles estão se ambientando naquele espaço. Desperta mais o interesse, ao invés deles permanecerem na mesma sala de aula, que eles achavam que era a sala deles e lá eles poderiam fazer o que bem entendiam, conforme o professor ou a disciplina, eles decidiam muitas vezes acompanhar ou se concentrar para a aula ou não, agora eles entram na sala, a sala já está organizada, eles percebem que o professor chega com uma proposta bem definida e isso permite um controle maior do professor sob o tempo, comportamento e atenção dos alunos.

10. Quais as vantagens (aspectos positivos) e desvantagens (aspectos negativos) da sala ambiente?

Professor 1: Durante a entrevista foi levantada as questões, a vantagem é que você tem algumas materiais disponíveis num mesmo lugar a desvantagem seria essa falta de diálogo entre as disciplinas, combinando possibilidade de uso desses espaços, e porque não há e a grade não permite esse uso, pois a escola não oferece essa estrutura devido ao volume de alunos. Você cria a sala, mas não dá possibilidade da escola usufruir ao máximo as possibilidades da sala ambiente.

Professor 2: Vantagens: 1) Diversidade de recursos didáticos a disposição do professor e alunos; 2) Sala de aula como recurso didático; 3) O transito de uma sala a outra, talvez, contribua para “espairecimento” dos alunos, permitindo um “relaxamento” um pouco antes de entrarem em contato com as reflexões de outra ciência.
Desvantagens: talvez uma maior perda de tempo das aulas com a transição dos alunos de uma sala ambiente a outra.

Professor 3: A vantagem é de tudo que eu já citei aqui, vou tentar listar de uma maneira mais clara: em primeiro possuir todos os materiais, ferramentas e recursos didáticos, na mão. Ter tudo isso de uma forma que possa ser facilmente manuseado e apresentando aos alunos a qualquer momento de qualquer aula. Esse é o maior aspecto para mim. Depois tem a questão da organização, de não precisar ter correria, de uma sala para outra, já poder estar pronto com o material e equipamentos para receber a turma, antes da aula começar, já estar ali com tudo pronto para receber os alunos, a vantagem dos alunos chegarem numa sala onde eles se sentem entrando na disciplina, na geografia, na ciência, no momento em que é só daquele espaço, daquela matéria. A desvantagem, são poucas as desvantagens, um outro aluno se perde no caminho de uma aula para a outra e demora um pouco para voltar para a sala, mas isso é muito raro, não é sempre que acontece. As vantagens são tantas que as desvantagens acabam sumindo, não consigo me recordar mais de desvantagens.

11. Dê sugestões para solucionar problemas ou melhorar a sala ambiente.

Professor 1: Redução do número de alunos, um ritmo diferente de grade curricular, que permita um diálogo mais eficiente entre as disciplinas, um ritmo diferente de grade curricular, onde um aluno possa ter mais tempo de amadurecer essas ideias. Por que não por exemplo, ter as cadeiras mínimas e o aluno completar sua grade horário com prioridade as disciplinas que possuem afinidade? Trabalhar dentro de uma outra lógica.

Professor 2: Não identifiquei problemas até o momento. Talvez o que possa melhorar seja a variedade de recursos didáticos presentes na sala, que atualmente já muito boa. Uma sala ambiente tem seu potencial pedagógico muito ampliado com recursos audiovisuais à disposição. A variedade de recursos didáticos permite uma melhor possibilidade de construção conceitual com os alunos. Neste ano as salas receberam instalação de Data Show e está a caminho a instalação de caixas de som.

Professor 3: Talvez um coordenador de corredor ou inspetor de corredor que encaminhem os alunos mais rapidamente de uma sala para outra, talvez isso seria uma solução. São poucas as coisas que faltam na sala ambiente, como alguns mapas mais específicos de geografia que eu acredito que poderiam melhorar ainda mais o nosso trabalho, mas é muito pontual, numa parcela de um recurso de mapas que está faltando, então é uma parcela mínima, que pode ser solucionado utilizando outros mapas com menos precisão. A iniciativa de a gente aplicar uma sala modelo de uma rede municipal onde a maioria nem pensa ou trabalha com essa hipótese de como melhorar o trabalho didático e pedagógico da escola como a implantação das salas ambientes, é algo incrível.